

TRAJETÓRIA DE WALTER FERNANDES NO CENTRO ACADÊMICO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO (1968-71)

Trajectory of Walter Fernandes in the academic center of the School of Nursing Alfredo Pinto (1968-71)

Trayectoria de walter fernandes en el centro académico de la Escuela de Enfermería Alfredo Pinto (1968-71)

Andréa de Sant'Ana Oliveira¹, Luiz Henrique Chad Pellon², Margarida Maria Rocha Bernardes³, Fernando Rocha Porto⁴

Como citar este artigo:

Oliveira AS, Pellon LHC, Bernardes MMR, Porto FR. Trajetória de Walter Fernandes no centro acadêmico da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1968-71). 2021 jan/dez; 13:362-370. DOI: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcf.v13.8830>.

RESUMO

Objetivo: analisar a trajetória acadêmica de Walter Fernandes enquanto ativista do movimento estudantil na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP). **Método:** estudo descritivo, do tipo bibliográfico, de abordagem qualitativa. Utilizou-se a análise de conteúdo temática na perspectiva da história oral de vida. Os dados foram coletados em junho de 2018, por meio de entrevista filmada e gravada. **Resultados:** o registro eficaz e bem construído ao longo da trajetória do depoente, mediante preocupação com o campo social, sobrevivência e aporte estrutural do corpo discente durante o contexto político das décadas relatadas, legitima a memória do movimento estudantil de enfermagem na EEAP. Além disso, aborda os embates da sociedade brasileira a época, a conjuntura universitária e estigmatização dos direitos sociais. **Conclusão:** a trajetória de Walter Fernandes reforça a participação dos estudantes nas articulações e soluções possíveis aos impasses, ratificando sua representação e agregação científica, acadêmica e social.

Descritores: História da enfermagem; Enfermagem; Estudante; Ativismo político; Liderança.

ABSTRACT

Objective: to analyze the academic trajectory of Walter Fernandes as an activist of the student movement in the School of Nursing Alfredo Pinto (EEAP). **Method:** a descriptive study, of the bibliographic type, with a qualitative approach. It was used the analysis of

- 1 Graduado em Enfermagem, Doutorado em Biociências pela UNIRIO, Mestre em Enfermagem pela UNIRIO, Membro do grupo de pesquisa LAPHE da UNIRIO, Professor da Universidade Estácio de Sá / Campus Sulacap.
- 2 Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM), Mestre em Enfermagem pela UNIRIO, Doutora em Enfermagem e Biociências pela UNIRIO, Professora Associada da UNIRIO.
- 3 Graduado em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduado em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (USU), Especialista em Administração de Serviços de Saúde pela UERJ, MSc em Enfermagem pela UERJ, PhD em Enfermagem pela UERJ, ex-pesquisadora de pós-doutorado da UNIRIO, professora da ESG / MD.
- 4 Pós-Graduação em Enfermagem Obstétrica pela Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM), Pós-graduação em História pela Universidade Candido Mendes, Especialista em Enfermagem, MSc em Enfermagem pela UNIRIO, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)), Ex-pesquisador de pós-doutorado na USP, professor associado da UNIRIO.

thematic content in the perspective of the oral history of life. The data were collected in June of 2018, through a filmed and recorded interview.

Results: the effective and well-constructed registry along the trajectory of the deponent, through concern for the social field, survival and structural contribution of the student body during the political context of the decades, legitimizes the memory of the student movement of nursing in EEAP. In addition, it addresses the struggles of Brazilian society at the time, the university situation and stigmatization of social rights. **Conclusion:** walter Fernandes 'trajectory reinforces students' participation in articulations and possible solutions to impasses, ratifying their representation and scientific, academic and social aggregation.

Descriptors: Nursing history; Nursing; Student; Political activism; Leadership.

RESUMEN

Objetivo: analizar la trayectoria académica de Walter Fernandes como activista del movimiento estudiantil en la Escuela de Enfermería Alfredo Pinto (EEAP). **Método:** estudio descriptivo, del tipo bibliográfico, de abordaje cualitativo. Se utilizó el análisis de contenido temático en la perspectiva de la historia oral de vida. Los datos fueron recolectados en junio de 2018, por medio de una entrevista filmada y grabada. **Resultados:** el registro eficaz y bien construido a lo largo de la trayectoria del deponente, mediante preocupación con el campo social, supervivencia y aporte estructural del cuerpo discente durante el contexto político de las décadas relatadas, legitima la memoria del movimiento estudiantil de enfermería en la EEAP. Además, aborda los embates de la sociedad brasileña la época, la coyuntura universitaria y estigmatización de los derechos sociales. **Conclusión:** la trayectoria de Walter Fernandes refuerza la participación de los estudiantes en las articulaciones y soluciones posibles a los impasses, ratificando su representación y agregación científica, académica y social. **Descriptor:** Historia de la enfermería; Enfermería; Estudiante; Activismo político; Liderazgo.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem é uma profissão que apresenta uma história rica, repleta de lutas e conquistas, marcada por grandes ícones, que influenciaram no que a profissão significa nos dias de hoje.

O poder de exercer a profissão é alcançado de diversas formas, mas certamente o saber científico é um dos mais influentes para fazê-lo.¹ A profissão se inicia nos primeiros anos de formação acadêmica. Nestes anos os estudantes vão construindo seus perfis e potencializando os conhecimentos. O engajamento político e social se encontra associado e desenvolvido nesta construção. Engajamento este que inclui a trajetória de profissionais que tiveram atividade nos movimentos acadêmicos das diferentes instituições de ensino e que acabaram servindo de instrumento de transformação no meio em que atuaram.

Historicamente estudantes sempre se organizaram em movimentos coletivos em busca de conquistas. O primeiro movimento estudantil brasileiro emerge em 1710 quando jovens estudantes de conventos e colégios religiosos enfrentaram a invasão francesa no Rio de Janeiro. Oficialmente a primeira entidade estudantil brasileira, a Federação dos Estudantes, surge em 1901 com uma existência muito

curta e em 1910 temos o primeiro Congresso Nacional de Estudantes em São Paulo.²

A partir da década de 1930, a conjuntura nacional levou os estudantes a atuarem de maneira firme em organizações políticas, emergindo uma entidade única e representativa, forte e legítima para promover a qualidade do ensino e a justiça social.

Em 1937 a União Nacional dos Estudantes (UNE) é reconhecida pelo governo e em julho de 1977 é criada na Universidade de São Paulo (USP) a Executiva Nacional dos Estudantes de Enfermagem (ENEEnf), tendo como as primeiras convidadas palestrantes do encontro, a Dra Wanda de Aguiar Horta e a Dra Taka Oguisso.

A ENEEnf é entidade máxima de representação dos estudantes de enfermagem em todo território nacional e no exterior. É histórica, detentora de registros das atividades exercidas pelos estudantes brasileiros de enfermagem, que se compromete em lutar por uma sociedade justa, solidária e igualitária, por meio da luta nos campos em que tem maior vínculo que são educação e saúde.

Os registros que preservam a memória do movimento estudantil são oriundos das ações e da militância dos seus componentes que foram gradativamente se somando e adquirindo conformação política ao longo dos anos.

A preservação da memória da atuação e conquistas dos estudantes de enfermagem no movimento estudantil é de suma importância para servir de base e norte para os próximos passos deste movimento que precisa continuamente aprender com os erros e acertos cometidos ao longo dos anos pelos estudantes que os antecederam. Como agentes sociais os estudantes do presente precisam ocupar de forma estratégica e coesa os campos de reivindicações em busca de Justiça e igualdade de direitos visando compreender individualmente e coletivamente seu papel político e social no ambiente. A participação efetiva e eficaz no movimento garante a subversão positiva dos espaços de dominação de poder exercido por professores e demais personagens de outras instâncias acadêmicas e outras representativas da classe.

Os Cursos de Enfermagem no Brasil têm como missão formar profissionais qualificados para atender a população. Esses devem ter uma entidade eficaz de luta, que atue dentro e fora das Universidades e que possam cobrar dos mesmos educadores capazes, competentes e comprometidos com a transformação da realidade social.

Ressalta-se que uma das atuações mais fortes do movimento estudantil brasileiro foi durante o período do Regime militar que teve início no ano de 1964 e de maneira emblemática em 1968 chegou ao ápice da luta estudantil explícita, quando o movimento estudantil assume o papel de ator principal das manifestações contra o governo e é protagonista de grandes mudanças e conquistas.

No ano de 2016, ao ler algumas atas depositadas no Arquivo Setorial Maria de Castro Pamphiro, sobre as mudanças pedagógicas de 1968 para um trabalho de Iniciação

Científica em que participei com o prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior, foram encontradas nessas atas o registro da participação do aluno Walter Fernandes, como representante estudantil nas reuniões do corpo docente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP).

Na época da militância feita por Walter Fernandes enquanto graduando de Enfermagem, era tão simbólico quanto difícil, participar do movimento estudantil, sobretudo numa Instituição pública sem trazer danos para a EEAP como representatividade negativa e subversiva. Nessa perspectiva, considerando o contexto político à época, traçando estratégias para manter vivo os interesses acadêmicos num contexto de repressão, enquanto figura masculina em uma profissão majoritariamente feminina a atuação de Walter Fernandes enquanto representante de um movimento estudantil utilizando estratégias de condescendência presentes no seu discurso, fez com que emergisse como objeto de estudo a trajetória acadêmica de Walter Fernandes, enquanto líder do movimento estudantil na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1968-1971).

Em 1968, o regime militar continua demonstrando força no Brasil com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5) promulgado em 05 de dezembro de 1968³. A fim de controlar as manifestações políticas, o governo volta o olhar para as universidades de onde surgem várias manifestações estudantis contra o regime do recorte temporal estudado. O ano foi marcado pelo fechamento do Congresso Nacional sem previsão de reabertura. A censura chegava as mais variadas formas de expressões artísticas, culturais e sociais.

O AI-5 perdurou até 1978 e como consequência, o poder de punição do governo aumentava contra quem demonstrasse ser contrário ao regime. Os confrontos entre Governo e oposição ficaram cada vez mais frequentes e violentos, chegando várias vezes ao enfrentamento armado.

Com base nas reflexões expostas e considerando a relevância do problema levantado, foi definida a seguinte questão norteadora para a construção do trabalho: Qual a estratégia acadêmica de Walter Fernandes enquanto ativista do movimento estudantil para a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto?

E para operacionalizar o estudo, foram definidos os seguintes objetivos:

- Analisar a trajetória acadêmica de Walter Fernandes enquanto ativista do movimento estudantil na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP)
- Discutir a participação acadêmica de Walter Fernandes no movimento estudantil para a EEAP no período do regime militar. (1968-1971).

Este estudo justifica-se, pois, desde 2014 enquanto integrante da diretoria do Centro Acadêmico Walter Fernandes (CAWF) e, movida por inquietações pertinentes as questões estudantis frente ao cenário institucional, vi nesta coincidência de percursos acadêmicos, uma forma de motivação para descobrir o que levou a comunidade

estudantil de enfermagem no ano de 1995 a dar o nome deste professor ao Centro Acadêmico da primeira Escola de Enfermagem do Brasil.

Ter encontrado no arquivo setorial da EEAP, arquivo Maria de Castro Pamphiro, registros em atas de reuniões de colegiados e departamentos que destacam a atuação acadêmica de Walter Fernandes como representante estudantil no ano de 1968 me estimularam a ampliar a pesquisa sobre este ícone vivo da História da Enfermagem no momento da construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Lançar um olhar investigativo e me debruçar nas diferentes atuações deste estudante como representante do Centro Acadêmico da EEAP, denominado à época Jurandyr Manfredini (1955-1995). Como existe uma lacuna de estudos biográficos no trabalho realizado sobre os diretores e professores da EEAP, este estudo vêm contribuir para o fortalecimento da memória não só dos professores desta Instituição como dos representantes estudantis da primeira Escola de Enfermagem do Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de história oral de vida de cunho biográfico com abordagem qualitativa, que utilizou a história oral temática como método para coleta de dados, sendo esse considerado “um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à vida social de pessoas. Ele é sempre uma história do tempo presente e é reconhecido como história viva”.⁴ O estudo qualitativo possibilita a investigação de fenômenos de subjetividade e intersubjetividade, aprofundando os significados de ações, comportamentos e relações humanas no que diz respeito ao envolvimento do personagem.⁵

Ao escolher realizar uma pesquisa que utiliza o método história oral de vida, deve-se ao fato de que a mesma valoriza a experiência no sentido mais amplo vivido pelo agente entrevistado. Neste caso, foi o professor Walter Fernandes, docente aposentado da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP).

Ao se escolher um determinado período histórico, ele deve ser interrogado tanto em suas fontes, mas também com relação aos sujeitos que viveram esta história.⁶ Esta atividade de interrogar, segundo a autora, rompe uma “dominância temporal e nesse movimento faz uma falha que se inscreve no presente, produzindo assim uma ambivalência de tempos”.

Como ponto inicial da pesquisa, destaca-se que a mesma ocorreu a partir do ponto zero, denominação referente ao objeto de estudo que foi a atuação de um membro do Centro Acadêmico Jurandyr Manfredini da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto no período de 1968 a 1971, o professor Walter Fernandes.

Com relação à entrevista, sua utilização deve-se ao fato da mesma valorizar a fala, por ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos, representações de grupos determinados em condições

históricas, socioeconômicas e culturais específicas, transmitidas por meio de um porta voz.⁷

A pesquisa oral de vida é uma forma de colocar o personagem como protagonista de seu próprio tempo.⁸ Neste sentido, a pesquisa procurou não só reviver a experiência cotidiana, mas também analisar como foi sentida em relação aos acontecimentos sociais, políticos, culturais dentre outros em que estiveram inseridos.

Como material de apoio, foram utilizadas bibliografias relativas à História da Enfermagem, à Trajetória das Escolas de Enfermagem Brasileiras e do Movimento Estudantil, à produção historiográfica do Laboratório de Abordagens Científicas em História da Enfermagem/LACENF.

A entrevista foi realizada no dia 29 de junho de 2018 nas dependências da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, utilizando o recurso da gravação e filmagem onde o entrevistado descreveu sobre o seu tempo de acadêmico de enfermagem e militante do Diretório Acadêmico durante o período do regime militar, sua trajetória profissional e sobre a enfermagem atual.

A entrevista foi cedida por livre e espontânea vontade, afim de se tornar pública e para contribuir com a memória da EEAP e com a história da enfermagem. A identificação do depoente encontra-se codificada como W1. Como se trata de pesquisa com obtenção indireta de dados originados de entrevista com seres humanos, a mesma se propõe a atender à Resolução CNS nº 446/2012,⁹ através do parecer nº 3.027.766, concedido pelo CEP/UNIRIO, justificando a dispensa de utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Nesta seção estão apresentados os resultados qualitativos derivados da análise de conteúdo temática na perspectiva da história oral de vida.⁸ O resultado final agregou quatro categorias, com as três primeiras com uma subcategoria cada. As categorias foram estruturadas em virtude das diferentes temáticas presentes na lembrança e discursividade do professor entrevistado.

A primeira categoria foi denominada a “Ascensão social: trabalhando, estudando e cuidando da família”.

O professor se pronunciou da seguinte forma sobre sua motivação para ingressar no curso de graduação em enfermagem:

O motivo é que eu já era auxiliar de enfermagem e aí eu queria melhorar a minha situação financeira [...]. Eu fui informado que tinha (pausa) ia haver curso, ia haver uma espécie de (pausa) não era vestibular na época não, era uma prova de seleção para fazer o curso de enfermagem. [...] eu me inscrevi e trouxe os documentos necessários e fiz a prova. [...] já entrei casado e bem enrolado, bem endividado. (W1)

Walter Fernandes relata que sua condição social se expressava no local de moradia, bairro de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, aproximadamente 50 km do local onde estudava, no bairro da Urca. Depõe, no entanto que, mesmo diante da dificuldade de deslocamento, a distância não foi empecilho para participar das discussões dos Departamentos de Ensino, que ocorriam em horário noturno pelo fato da maioria dos professores médicos serem militares e atuarem em hospitais em plantões diários:

[...] as reuniões (dos departamentos) eram sempre à partir das 19h até às 21h e eu morador de Bangu ficava ali até às 21h e depois ia embora pra casa, um sacrifício. (W1)

Walter Fernandes afirma que trazia a marca da sua condição social no tipo da vestimenta que trajava, mesmo nas solenidades formais em que tinha que representar o corpo discente:

[...] eu ia com esses trajes muito humildes de pobre, camisa de malha, calça [pausa] não era calça jeans, era outro tipo e teve um ano que morreram sete funcionários, tinham morrido cinco funcionários da Escola de Enfermagem e eu representava os estudantes em todos os enterros e sepultamentos [...] (W1)

Por fim, relata que fez o curso de enfermagem:

[...] Trabalhando, estudando e cuidando da família. (W1)

A segunda categoria denominada “De Terno e gravata” abarca como subcategoria “A maturidade como diferencial nas Relações interpessoais”

Durante sua formação, as diretoras da EEAP foram Clélia de Pontes (1961-69) e Anna Grijó (1969-71). Sua relação com as diretoras da EEAP, enquanto estudante, foi sintetizado na fala sobre a relação com Clélia de Pontes:

Com a Prof Clélia então era excelente [...] eu já ajudava em alguma coisa e ela aceitou bem meu nome para o diretório [...] precisava de um representante do corpo estudantil pra oficializar as atas do sistema democrático. Tinha que ter a participação do aluno, mas não tinha diretório acadêmico [...] (W1)

Como tinha que representar o corpo discente nas solenidades funerárias, Walter Fernandes relata que a professora Clélia lhe falou:

Walter, eu vou te dar uma gravata e um terno para você ir no próximo enterro. E o próximo enterro foi o dela [...] (silêncio segurando o choro). (W1)

A Subcategoria “A maturidade como diferencial nas Relações interpessoais”, apresenta a sua idade como um diferencial na articulação do depoente com o corpo docente, discente e a Direção da EEAP.

Neste sentido, inicia sua fala relatando:

Eu nasci em 35. Para 68 dá? 33. Era um dos mais maduros da turma [...] tinham uns três alunos maduros, mas, mas assim (pausa) eu, Luciano, o Paulo Pontes, o outro Paulo também e Aldebar. Esses eram os que mais maduros que conduziam a turma [...] (W1)

Sobre a relação entre os discentes e docentes, Walter Fernandes relata:

[...] Era vertical. (Faz sinal com a mão fazendo um gesto com a mão) De cima pra baixo. [...] (W1)

Contudo, sua condição de homem casado e pai foram fundamentais para a condução das situações de conflito nas relações institucionais. Sobre sua relação com a direção relata que era:

Excelente, excelente [...] não é eu ser submisso, é que eu já era maduro, eu tinha 2 filhas. (W1)

Sobre seu posicionamento frente aos conflitos gerados a partir da convivência acadêmica, informou:

Baixava a bola quando era preciso, quando tinha que baixar, você ganhava muito pito, entendeu? Muito pito... [...] (W1)

Uma das características de sua representação foi a preocupação em tomar iniciativas a favor das alunas em condições socioeconômicas desfavorecidas, o que Walter Fernandes trata, também, como parte das principais dificuldades enfrentadas no período:

[...] um dos nossos problemas era pagar o telefone porque o que que acontecia? As meninas falavam em código, elas não ligavam no telefone, elas num... elas não tiravam o telefone do gancho para fazer a ligação e ligavam em código, essas ligações eram cobradas então depois nós tínhamos que ter dinheiro para pagar aquilo, aí pagava com o dinheiro da cantina. Pagava com essas coisas que a gente fazia, vendia bem. (W1)

[...] Nós fizemos um curso vestibular em que dávamos aulas para o pessoal que pagava para receber a aula e revertia o dinheiro para a sobrevivência das alunas. Foi terrível esse período [...]. (W1)

Para formatura, também, tinha aluno muito pobre que não podia participar da formatura porque tem um grupo que mesmo na pobreza, tem sempre alguém que tem um pouco mais e esse pessoal que tem um pouco mais não gosta do outro. Eu botava o nome das alunas que não podiam pagar no convite (emocionado segurando o choro) [...] (W1)

Na época existia apresentação dos uniformes e verificação do material de bolso que incluía relógio. Walter Fernandes relata que adquiriu com seus próprios recursos financeiros um relógio e uma máquina de escrever que emprestava aos alunos que não tinham recursos financeiros para adquiri-los:

[...] emprestava o relógio pois, [...] precisavam ter um relógio no dia da apresentação dos uniformes e eu tinha um relógio e podia dar para eles [...] comprei também uma Remington para emprestar aos alunos (para fazerem os trabalhos acadêmicos que exigiam ser datilografados) (W1)

Como categoria três, emergiu a “Atuação burocrática do Diretório Acadêmico”.

Para o depoente:

[...] a representação estudantil era burocrática, estudante não falava nem em sala de aula a gente não podia falar, que dirá reivindicar alguma coisa... a gente só compunha o bloco [...] (W1)

[...] Estava lá porque por exemplo tem que ter uma reunião de não sei o quê tem que ter a representação estudantil, mas na minha opinião já vinha “oh nós vamos votar isso aqui” entendeu? Não, não tinha diretório, infelizmente, mas teve antes... [...] (W1)

[...] ela aceitou bem (meu nome) para o diretório e foi... não houve uma eleição, na época não tinha eleição para... até que [...] não tinha diretório [...] (W1)

[...] o pessoal se reunia ali nas poltronas e ficava e tinha uma sala... não tinha reunião de diretório! Não tinha vice-presidente não, o diretório era eu! (risos) ah.. a representação estudantil [...] Olha não tinha. Ou você era militar ou era subversivo... ou ficava neutro. Você podia apoiar, mas... quietinho. (W1)

A quarta e última categoria denominamos “Liderança e autonomia prática”

O professor Walter Fernandes descreve sua experiência profissional na Enfermagem anterior a Graduação, sua expertise na habilidade das técnicas nos campos de estudo prático e, a consolidação de sua liderança enquanto interlocutor do corpo discente da EEAP naquele período temporal:

[...] Porque eu fui auxiliar de enfermagem e olha meu filho... eu, eu sobrevivi por que modéstia à parte eu era muito capacitado, eu fazia melhor. [...] (W1)

[...] eu tinha a prática e o prof tinha a teoria. [...] (W1)

[...] o livro americano ele não tem... não é aquilo e você na prática eu dizia: óh não é assim não! [...] (W1)

[...] Como eu vou dizer para um prof notório saber que não é assim? [...] (W1)

[...] puncionei a veia do cunhado sem garrote sem nada que é moleza para mim [...] (W1)

[...] Dona Zélia (Sena Costa) ela confiava muito em mim, confiou demais mesmo porque eu substituí todo mundo [...] (W1)

[...] Dava plantão, trabalhava muito sábado e domingo para os outros [...] sobrevivi por que modéstia à parte eu era muito capacitado, eu fazia melhor [...] (W1)

Como subcategoria encontramos o campo social que foi descrito ser a Praça da Bandeira.

[...] fui várias reuniões da subversão lá na Praça da Bandeira. Felizmente eu não fui fichado, não fui preso, não fui nem fotografado [...] (W1)

Na sua fala deixa claro que participava de forma discreta e sozinho para não comprometer o grupo que representava, e que o comportamento da Enfermagem não mudou durante o regime político da época e atualmente continua desunida em questões políticas.

[...] os militares mandavam nesse País [...] A prof. Clélia, ela fez isso tudo porque ela era esposa de um militar se não ela não teria feito não[...] e a Escola, a Escola cresceu por isso, porque ela tinha conhecimento entendeu? E muita coisa que a Enfermagem conseguiu foi indo lá em Brasília, é... chorando lá. Você estudou História da Enfermagem, sabe que a Haydeé Guanais Dourado e a Elvira de Felice sabe que elas iam lá pedir quase que pelo amor de Deus pra conseguir alguma coisa, algum decretozinho lá da enfermagem [...] (W1)

[...]e eu vejo essa Rejane coitada sofrendo aí para... (faz gesto negativo com a cabeça em desaprovação a luta solitária da deputada Enfermeira Rejane no campo político) (W1)

Em sua fala Walter Fernandes deixa claro, portanto, que as conquistas alcançadas pela EEAP durante o regime militar, a exemplo de um prédio próprio localizado no bairro da Urca, deveu-se às articulações políticas da professora Clélia de Pontes, esposa de militar à época. Para ele, apesar do momento político conturbado para o movimento estudantil nacional, a EEAP destacou-se no cenário das instituições de enfermagem pelo motivo da maioria permanecer no foco da vigília governamental.

DISCUSSÃO

Depois de 50 anos dos acontecimentos ocorridos em 1968, no mesmo campo social, o prof Walter Fernandes relatou em depoimento numa das salas da EEAP, sua atuação frente ao Diretório Acadêmico Jurandyr Manfredini (DAJM) (1955-1995) e sobre a rotina dos estudantes entre os anos de 1968-1971, período em que se graduou acadêmico de Enfermagem da EEAP no Município do Rio de Janeiro, onde exerceu a liderança estudantil de enfermagem.

A pobreza e a exclusão social afetam o desenvolvimento individual e coletivo, com a pobreza sufocando sonhos e o processo para a realização dos mesmos, gerando contratempos para o desenvolvimento de realizações das pessoas.¹⁰

Nesse sentido, destacamos que Walter Fernandes contrapõe Ray quando sonhou e se desenvolveu individualmente, além de se preocupar em fazer com que o corpo discente coletivamente encontrasse um lugar social diferente de sua origem humilde e das alunas à época, migrantes principalmente da região Nordeste.

O depoente relatou sua preocupação com a sobrevivência dessas pessoas com o fim do aporte estrutural que ocorreu após a incorporação da EEAP à Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG). Informou que anteriormente a incorporação da EEAP a FEFIEG as discentes internas recebiam aporte alimentar, moradia e subsistência do Governo e conseguiam assim ascender via formação universitária com visível melhoria da condição social que lhes seria garantido no futuro após a formatura.

Neste momento em que foram cortadas essas vantagens, o professor Walter organizou cursos preparatórios pagos, com a intencionalidade de que esse dinheiro viesse manter os estudantes da EEAP com o mesmo suporte e *status* da condição anterior, não havendo prejuízo para as alunas mantidas anteriormente pelo governo. Assim, com o recurso financeiro arrecadado com as inscrições e mensalidades do curso, pode-se manter aquelas alunas até alcançarem a finalização do curso de graduação em Enfermagem na EEAP.

Morador do bairro de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro (RJ), traça para si próprio e sua família, por meio da graduação, a mudança definitiva da condição sócio econômica à época. Se reconhece na condição de pessoa “humilde” que conquista a oportunidade de estudar em uma Instituição escolar de nível superior pública no fim da década de 1960.

Neste sentido, Pierre Bourdieu em diferentes obras respalda o discurso de Walter Fernandes e traz para a luz

as relações estabelecidas pelo depoente no mundo social representado abstratamente como um espaço de muitas dimensões construído sob princípios de diferenciação. Cada indivíduo é um agente dentro de um campo social. Neste campo ocorre uma luta simbólica onde tentam se diferenciar, impedir sua entrada, ou excluir seus rivais num campo particular. Em todo o depoimento do entrevistado foram detectados os conceitos deste autor como *habitus* primário, lutas simbólicas, o poder simbólico, capital econômico, social e cultural, entre outros fundamentais para a discussão na sua trajetória no tempo em que traduz a dinâmica das posições no campo, ou seja, seu movimento. Inegável ter existido o deslocamento vertical do professor dentro no mesmo setor do espaço, ou seja, no mesmo campo.

Walter Fernandes foi o pequeno agente que se tornou grande. Pudemos ver em sua fala uma conversão de uma espécie de capital em outra (econômico, social ou cultural),¹¹ vencendo a estrutura patrimonial vigente a sua condição humilde prévia, salvaguardando o volume global do capital e a manutenção ou melhora da posição social.

A posição social vai implicando em um ajuste nas interações sociais do “senso de lugar”. Quando as pessoas falam “pessoas modestas”, “pessoas comuns”, “manter a distância”, “não dar familiaridade”, acabam por traçar estratégias inconscientes que podem vir a tomar a forma de arrogância ou timidez.¹² Walter Fernandes flutua entre as duas formas, a arrogância do saber prático e a timidez no convívio social.

Na verdade, as narrações do depoente repetem muitos fatores ressaltados por pessoas de sucesso profissional. Sua liderança ao longo de sua vida laborativa e acadêmica sempre procurou mostrar fatores específicos que ocasionaram mudanças decisivas na vida das pessoas em direção ao sucesso profissional.

As pessoas ascendidas socialmente acabam por reinventarem sua própria vida, conhecem primeiramente a si e suas potencialidades antes de conhecer o restante do mundo e suas práticas de trabalho, tendo a consciência de suas habilidades, competências, fraquezas e tiram vantagem de suas condições positivas.¹³

Ele já era trabalhador da área de enfermagem, como auxiliar, sendo lotado como atendente no Hospital do Andaraí – RJ. Era casado e pai de duas filhas ao ingressar na graduação por necessidades financeiras para aumentar o salário. Sabendo que teria um “concurso” na EEAP, viu nessa oportunidade a chance de mudar de categoria no hospital onde trabalhava à época. Faz a prova e leva a documentação necessária para a matrícula. Já no curso e com a experiência profissional prática que tinha, se destaca nas disciplinas técnicas, o que permite que tenha uma ótima aproximação com as professoras e diretoras à época, sobretudo com a diretora Clélia de Pontes e Zélia da Sena Costa pelo fato dele ser um aluno com a idade acima da média da maioria

dos outros alunos, com perfil conciliador, muito próprio de quem já é mais velho e chefe de família. Esse perfil o faz ser escolhido pelas diretoras para ser o interlocutor de assuntos ligados ao corpo estudantil com o corpo docente e a direção da Escola.

Em virtude do regime político à época era necessário que ele, enquanto interlocutor tivesse fleuma para lidar com as situações da rotina de uma instituição de ensino, em um ano em que os alunos poderiam ser estigmatizados ao serem incentivados a reivindicar direitos sociais, mediante confrontos urbanos (atos e passeatas).

Essas características marcaram sua passagem pela EEAP como líder estudantil e, se tornaram pontos marcantes da sua trajetória durante a graduação. Ele assume a responsabilidade de responder pelo grupo e de aconselhá-lo em diferentes questões, não só acadêmicas quanto pessoais, procurando solucionar demandas de diferentes ordens, poupando o grupo, especialmente, das consequências advindas dos ímpetos próprios da juventude.

O professor Walter utilizou de forma constante as estratégias de condescendência. Existem duas formas de ostentação da liberdade: o acréscimo de exigências e a transgressão deliberada, que podem coexistir em alguns momentos.¹⁴ Algumas pessoas podem se colocar além ou aquém das regras, para sobreviverem nos campos onde se encontram. Optam por uma forma de expressão que pode se tornar um modelo.

Fica patente que a carreira de enfermagem constituiu-se em um fator de democratização para o seu acesso ao ensino superior e a novos horizontes sociais, tendo em vista, as dificuldades impostas pela idade e pela origem humilde, que o diferenciavam do perfil padrão esperado de enfermeiros (as) pelo mercado de trabalho.

Ao longo do curso, no entanto, conforme foi adquirindo conhecimento teórico, foi aperfeiçoando seu lado profissional e alcançando a excelência de atuação no campo prático. Em contraponto ao perfil estereotípico almejado pelo mercado de trabalho, ao término da graduação Walter Fernandes já atendia aos requisitos almejados pelas instituições formadoras e ingressa, por sua vez, no corpo docente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, consignando o estado institucionalizado que a formação lhe conferiu.

O estado institucionalizado vem a ser o conjunto de títulos de educação que o indivíduo possui.¹⁵ Seria uma certificação palpável de competência cultural, que dá ao seu portador um valor convencional, constante e jurídico, garantido pela relação com a cultura e instituído por uma magia coletiva. Magia, pois tem poder de fazer crer e se fazer reconhecer pela coletividade.

Dessa forma, sua participação visceral nas atividades da vida acadêmica, agregada à sua experiência humana e profissional prévia, lhe ajudaram a galgar um saber notório

e institucionalizado da prática de enfermagem, o que resta reconhecido pelas inúmeras condecorações das entidades associativas de classe e pelo centro acadêmico da referida escola onde se formou e atuou como docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Organizar, preservar e divulgar a trajetória do movimento estudantil da EEAP nas décadas de 1960/1970 por meio desta figura ícone desta Instituição, que é o Professor Walter Fernandes e seu papel importante de memória, contribuiu para que a atual e as futuras gerações possam absorver o conhecimento pregresso e, de forma organizada e sistematizada, decidir o que pode ser melhorado para o futuro.

As estratégias de ações realizadas pelo movimento estudantil no passado estudado podem evidenciar não terem sido estrategicamente as mais acertadas em alguns momentos, cabendo uma reflexão crítica para que se possa promover novas formas de intervenção na realidade. Novos tempos pedem novas ações.

O registro eficaz e bem construído da memória do movimento estudantil de enfermagem na EEAP vem dar visibilidade ao mesmo. Essa memória social do depoente trouxe o contexto político das épocas relatadas, abrangendo a conjuntura universitária, definindo e delineando novas estratégias que podem ser adotadas pelos estudantes nos embates e enfrentamentos presentes e futuros que surjam na sociedade brasileira.

As organizações estudantis universitárias de Enfermagem no Brasil possuem os Centros Acadêmicos e/ou Diretórios Acadêmicos das Faculdades e Universidades. Os Centros Acadêmicos buscam fundamentalmente a construção coletiva da aprendizagem da organização e da formação política.

O legado que a trajetória de Walter Fernandes trás para a atualidade, é que são necessárias as presenças dos estudantes nas rearticulações possíveis do Conselho Pedagógico dos Cursos de Enfermagem, na discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), nas reuniões de representantes de turma, na participação efetiva no processo de avaliação do curso, participação nos impasses e na solução dos estágios na rede básica e hospitalar, dentre outras demandas.

Finalmente podemos afirmar que o professor Walter Fernandes, ao concluir o Curso de Graduação da EEAP, se apropriou de um capital cultural institucionalizado que lhe abriu portas no mundo social, pois, com seu exemplo de luta para romper a situação humilde que tinha trilhou o caminho da procura do conhecimento, legando aos estudantes de Enfermagem essa luz possível de ser seguida.

Mesmo depois de concluído o curso e se tornado professor, não se afastou da convivência dos estudantes, continuando a ouvi-los, intermediando soluções e, demonstrando representatividade. Tal perfil agregador o levou a receber como homenagem seu nome para o Centro Acadêmico da EEAP no ano de 1995 em um plebiscito realizado pelo corpo

estudantil à época, enquanto ele ainda era docente ativo da EEAP. Seu percurso de estudante trabalhador e, mais maduro do que os colegas de turma faz um paralelo com o meu próprio percurso estudantil. Crédito ao professor enfermeiro ícone da primeira Escola de Enfermagem do Brasil, Walter Fernandes o exemplo que me motivou a militar no movimento estudantil e que continua a espelhar novos estudantes a desempenhar o mesmo papel na militância acadêmica.

Durante o estudo, percebeu-se a ausência do ensino nas disciplinas da graduação, acerca da trajetória dos profissionais de enfermagem, sendo alguns conhecidos apenas por sua segunda profissão, não sendo a enfermagem. Logo, este estudo é de grande relevância haja visto a carência e necessidade de registro sobre representatividade na construção desta categoria profissional, do movimento estudantil em que se alicerça e de suas atividades.

Sendo esta temática grande dificultador nas pesquisas de enfermagem, observa-se que ao não ser registradas, as ações não são notadas por aqueles que não vivenciaram tão arduamente as mesmas.

Reafirmamos ainda, que o conhecimento e resgate histórico de construção da trajetória e autonomia profissional é primordial à reflexão sociocultural, fazendo-se necessária a construção de projetos e pesquisas que atendam integralmente essas demandas, tornando possível a desconstrução da estigmatização da enfermagem e eficaz reconhecimento e valorização.

REFERÊNCIAS

1. Dias JAA, David HMSL, Vargens OMC. Ciência, enfermagem e pensamento crítico: reflexões epistemológicas. Rev enferm UFPE on line [periódico na internet]. 2016 [acesso em 16 jun 2018]; 10(supl 4): 3669-3675. Disponível em: 10.5205/reuol.9681-89824-1 ED.1004sup201619
2. Brado Retumbante [site da Internet]. Movimento Estudantil. [acesso em 05 ago 2018]. Disponível em: <http://www.bradoetumbante.org.br/historia/movimento-estudantil>.
3. Senado Federal (BR). Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Dispõe sobre a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais [resolução na internet]. Diário oficial da união: poder executivo. [acesso em 20 nov. 2018]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/584057/publicacao/15669952>
4. Barroso EP. História oral e metodologia de pesquisa em história: objetivos, abordagens, temáticas. 1 ed. São Paulo: Paco; 2016.
5. Barros JA. Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos. Rio de Janeiro: Vozes; 2019.
6. Bortolanza J. Trajetória do ensino superior brasileiro: uma busca da origem até a atualidade. In: Anais do XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária: universidade, desenvolvimento e futuro na sociedade do conhecimento. 2017 nov. 22-24; Mar Del Plata, Arg. Florianópolis: UFSC; 2017. P. 1-16 [acesso em 08 ago. 2018]. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181204>.
7. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa social: Teoria, métodos e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes; 2016.
8. Delgado LAN. História Oral: memória, tempo, identidades. São Paulo: Grupo Autêntica; 2017.
9. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em ciências humanas e sociais [resolução na internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016 [acesso em 25 out 2018]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

10. Schmidt V. Avanços e consequências da modalidade global. Soc estado [período na internet]. 2018 [acesso em 08 set. 2018]; 33(2): 407-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00407.pdf>
11. Jourdian A, Noulin S. Teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos. 1 ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2017.
12. Bourdieu. P. A economia das trocas simbólicas. 7 ed. São Paulo: Perspectiva; 2013.
13. Grenfell M. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes; 2018.
14. Outhwaite W. Teoria Social: um guia para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar; 2017.
15. Farias TRP, Costa JH. Ensaio sobre 'gosto' em Theodor W Adorno e Pierre Bourdieu. Acta sci [periódico na internet]. 2015 [acesso em 19 jul 2018]; 37(1): 93-101. Disponível em: 10.4025/actascihumansoc.v37i1.26196

Recebido em: 05/04/2019
Revisões requeridas: 22/07/2019
Aprovado em: 14/10/2019
Publicado em: 15/03/2021

Autora correspondente

Andréa de Sant'Ana Oliveira
Endereço: Rua Dr. Xavier Sigaud, 290
Rio de Janeiro/RJ, Brasil
CEP: 22.290-180
Email: andreasantoli@gmail.com

**Divulgação: Os autores afirmam
não ter conflito de interesses.**